



Universidade de Brasília – UNB
Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC
Faculdade UnB Planaltina – FUP

**Poesia e audiovisual: gravações de poemas declamados
pela juventude Kalunga**

Josinete da Silva Dias dos Santos

Cavalcante - GO
2023

Josinete da Silva Dias dos Santos

Poesia e audiovisual: gravações de poemas declamados pela juventude
Kalunga

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em
Educação do Campo da Faculdade UnB Planaltina,
como requisito para obtenção do título de Licenciada
em Educação do Campo, habilitação na área de
Linguagens, Artes e Literatura.
Orientador: Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves.

Cavalcante - GO

2023

Josinete da Silva Dias dos Santos

Poesia e audiovisual: gravações de poemas declamados pela juventude
Kalunga

Cavalcante, dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Canova Gonçalves
Faculdade UnB Planaltina
Orientador

Prof.^a. Dra. Mariléa de Almeida
ICH-UnB
Avaliadora (membro externo)

Prof.^a. Dra. Ana Aguiar Cotrim
Faculdade UnB Planaltina
Avaliadora (membro interno)

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade, segundo a minha família pela força e apoio que me proporcionaram. E também aos meus colegas e professores pela paciência e troca de saberes que foi importantíssima para minha formação.

Agradeço a minha mãe, Josina Pereira da Silva e ao meu pai, Anestor Dias dos Santos e aos meus irmãos, Anesson da Silva Dias dos Santos, Edineia da Silva Dias dos Santos e Aneilson da Silva Dias dos Santos, especialmente por terem cuidado das minhas filhas Ana Clara Aires da Silva e Ana Julia Aires da Silva, durante esse tempo de formação, pois sem vocês tudo seria mais difícil.

Agradeço também ao meu namorado e técnico de informática Joeldemir, por ter arrumado meu notebook todas as vezes que ele deu chilique, pois me ajudou muito com isso.

Agradeço aos meus colegas pela parceria. Em especial agradeço minhas colegas pelo companheirismo de sempre, Luana Araujo, Almecí Ribeiro, Germana Vieira, Gleiciane Moreira, Larissa Santos, Erlane Lima.

Agradeço também ao professor Felipe Canova, meu orientador.

Agradeço as professoras Mariléa de Almeida e Ana Cotrim, professoras da banca.

Resumo

Esta pesquisa tem como tema o registro textual e audiovisual da poesia de jovens mulheres poetas quilombolas, com enfoque na preservação da memória e na divulgação destas poesias, pouco conhecidas do público em geral. A metodologia utilizada na pesquisa envolveu os registros acima mencionados, bem como a revisão bibliográfica de autoras negras e entrevistas semiestruturadas com as poetas presentes na pesquisa. Como resultados deste TCC, sistematizamos 12 poesias e realizamos um experimento inicial de gravação audiovisual com as autoras, o que se constituiu como uma experiência transformadora em meu processo formativo.

Palavras-chave: poesia quilombola Kalunga, audiovisual, memória, mulheres Kalunga, relações étnico-raciais.

Abstract

This research's theme is the textual and audiovisual recording of the poetry of young quilombola women poets, with a focus on preserving memory and disseminating these poems, little known to the general public. The methodology used in the research involved the records mentioned above, as well as a bibliographic review of black authors and semi-structured interviews with the poets present in the research. As a result of this TCC, we systematized 12 poems and carried out an initial audiovisual recording experiment with the authors, which constituted a transformative experience in my formative process.

Keywords: Kalunga quilombola poetry, audiovisual, memory, Kalunga women, ethnic-racial relations.

Sumário

Memorial acadêmico	p.08
Introdução	p.16
Capítulo 1 - Referencial Teórico	p.23
Capítulo 2 – Poesias das jovens poetisas quilombolas Kalunga	p.37
2.1 – Balanço das entrevistas: conversando com as poetisas	p.47
Considerações finais	p.52
Referências bibliográficas e videográficas	p.54
Apêndice 1 – Roteiro de entrevista	p.55

Memorial acadêmico

Nasci em Cavalcante, Goiás, cidade mais próxima da minha comunidade, Vão de Almas. Morei quase a minha infância toda no Vão de Almas, juntamente com os meus pais e meus irmãos. Meus pais trabalhavam na roça em serviços braçais. Depois, com o tempo, minha mãe começou a dar aula como professora, ou seja, assumiu sala de aula. E no ano de 2003, me lembro que minha mãe trabalhava de professora e meu pai trabalhava na máquina de limpar arroz, nesta época eu tinha 5 anos a caminho dos 6 anos.

Comecei a estudar com 5 anos, porém esse ano estudei sem matricular, pois a idade de matrícula nesta época era com 6 anos. Como minha mãe trabalhava na escola e eu estava muito ansiosa para estudar, resolveram me levar para a escola. Quando fui para a escola, eu já sabia ler todo o alfabeto e contar alguns números.

Estudei a 1ª série na Escola Municipal Vargem Grande, com o professor Faustino, professor mais velho da comunidade. A 2ª e 3ª série estudei com minha mãe, sendo a 2ª série ainda na Escola Municipal Vargem Grande e a 3ª série na Escola Municipal Vazantão. E na 4ª série, hoje no caso o 5º ano, estudei com a professora Maura, já no Colégio Estadual Calunga I. Todas essas escolas citadas foram na comunidade Kalunga Vão de Almas. Os meios de transporte que eu usava para ir à escola eram os cavalos e a pé. Quando cursei a 1ª e 2ª série do ensino fundamental eu ia a cavalo com a minha mãe todos os dias para escola, eu ia na garupa, às vezes a gente ia a pé também. Quando estudei no Vazantão, tivemos que mudar da nossa casa para a escola, pois era muito longe e não dava para ir e voltar para casa todos os dias. Só íamos para casa em algum final de semana e feriado. Nesta época nosso transporte eram os animais, cavalos, onde carregávamos as nossas coisas.

No ano de 2008 estudei no Calunga I, nessa época já íamos eu e meus irmãos juntos para escola, a gente ia a cavalo, nós três, eu cursava o 5º ano, meu irmão 2º ano e minha irmã o 1º ano. Estudávamos de manhã e todos os dias era essa luta, meus pais pegavam os animais, arriavam e a gente ia para

escola. Quando nossos pais saíam, nosso irmão mais novo ia com a gente para escola, e eu era sempre a responsável por eles. Nessa época a gente tinha um cavalo específico que era só da gente, então lá montávamos nós quatro em um cavalo.

Nessa parte do memorial, trago as reflexões de Conceição Evaristo, com quem dialogo no conceito de *escrevivência*. É um conceito que faz muito sentido para mim como poeta quilombola e com meu memorial:

Nossa *escrevivência* traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. Uma condição particularizada que me conduz a uma experiência de nacionalidade diferenciada. Assim como é diferenciada a experiência de ser *brasileirovívica*, de uma forma diferenciada, por exemplo, da experiência de nacionalidade de sujeitos indígenas, ciganos, brancos etc. Mas, ao mesmo tempo, tenho tido a percepção que, mesmo partindo de uma experiência tão específica, a de uma afro-brasilidade, consigo compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana. Percebo, ainda, que experiências específicas convocam as mais diferenciadas pessoas. (EVARISTO, 2020, p.30-31).

O bom de tudo isso foi que, por mais que parecesse difícil, na época nos ensinou muitas coisas. Essa época eu posso dizer que foi uma das melhores, a gente se divertia muito, tanto a caminho da escola, quanto quando chegávamos em casa. No caminho da escola a gente disputava corrida com outros colegas que iam a cavalo, outras vezes disputávamos entre nós mesmos. Às vezes montavam de dois em animais diferentes, e meu irmão mais novo sempre ia comigo, ou seja, eu tinha uma responsabilidade maior por ele ser pequeno, eu tinha que cuidar dele e meu outro irmão ia com minha irmã. E a gente gostava de tirar pareia nas estradas. Às vezes nossos pais falavam “não vai correr”, a gente “tá bom”, mas era só ficar longe de casa e nós soltávamos as rédeas dos cavalos. Melhor infância que tive. Quando voltávamos da escola, fazíamos as tarefas, os afazeres de casa, pois depois nossos pais começaram a trabalhar na escola Dona Joana Pereira das Virgens na comunidade Vão de Almas, e logo em seguida íamos brincar e banhar na grota que passava no fundo do quintal.

Na época das roças a gente ia ajudar a vigiar os periquitos, ajudávamos a capinar também, nesse período às vezes fazíamos nossas atividades à noite à luz da candeia. E foi assim que apreendemos o pouco que sabemos hoje.

No ano de 2010 fui para a cidade de Cavalcante, Goiás, onde comecei cursar o 7º ano. Antes desse período eu já gostava de escrever versos, ou seja, verso popular. Com o passar do tempo, fui vendo que poderia escrever coisas além dos versos populares. Só que eu não sabia como diferenciar. Nos meus últimos anos do ensino médio comecei a ter aula de poemas, poesias e foi aí que me redescobri.

Com o tempo eu escrevia, mas escrevia como desabafo, porque algumas coisas me incomodavam e como eu tenho dificuldade de confiar nas pessoas, eu escrevia, porque assim me aliviava, e de alguma forma eu precisava dialogar e quando eu escrevia expressava o que me incomodava. Conceição Evaristo faz um questionamento que é de suma importância na vida de um sujeito que passa por situações transgressoras. Ela aponta que:

Ficcionalizava somente a partir do desejo, inventava para escapar daquilo que me era interditado. Depois chegou a fase da adolescência, e hoje penso que se eu não escrevesse e não lesse intensamente nesse período, talvez tivesse adoecido. E falo adoecer no sentido de procurar outras formas de aguentar, de suportar a realidade. (EVARISTO, 2020, p.33).

Reconheci-me como mulher negra quando mudei para Cavalcante, através dos olhares julgatórios, os cochichos nos corredores da escola, o modo como as pessoas me olhavam na rua, por me sentir excluída na sala de aula, tanto pelos colegas, quanto por professores. Nesse período às vezes me dava até vontade de ir embora e sentia saudades dos meus colegas, pois lá na comunidade não existia essa diferença entre a gente. Era todo mundo igual, a gente só brincava e estudava e estava tudo certo. Durante esse período eu neguei a minha identidade, porque eu era a única da sala que tinha o cabelo afro, as demais colegas tinham cabelos lisos, ou cacheados com curvaturas bem abertas. E isso me fazia pensar que talvez por isso fizessem tanta gracinha com a minha cara, e isso eram tanto as meninas quanto os meninos e era péssimo. Estudei durante seis anos na escola no mesmo horário, que era no período da

tarde, e teve funcionário que veio me reconhecer só no meu último ano de estudo.

De acordo com Conceição:

Observar o mundo é de grande valia, mas o meu mundo primeiro era tão comedido, tão pouco o meu universo, que tive de aprender a olhar o mundo pela profundidade e não pela extensão. E profundidade me trazia e traz o concreto, a vida com as suas mortes, a realidade confrontando o sonho; “os sonhos moldados a ferro e a fogo”. (EVARISTO, 2020, p.34).

Por esse motivo que eu escolhi falar no meu tema de TCC de poesia e audiovisual. Eu acredito na força que a poesia tem de nos libertar e libertar outras pessoas que se identificarem, porque a poesia é cura e liberdade e quando você expressa através do audiovisual você consegue comover mais pessoas e divulgar a poesia para um público maior.

Identidade Kalunga / Quilombola

(SANTOS, J.D.S.)

Negr@ na cor, representa um povo que por identidade lutou,

Hoje tenho histórias para contar, em versos, em rimas, em lágrimas de dor...

O passado passou, mas nunca nos deixou de representar.

Negr@s/mulat@s, Pard@s, não importa a cor, todos tem uma história de luta que seus ancestrais deixaram...

Vivo na terra em que um dia eles lutaram, carrego na minha própria identidade a liberdade que um dia os meus ancestrais sonharam...

Eles morreram no tempo, mas a alma viva, está em cada um de nós que os representam, chama quilombola, Acarajé e outros já de pé...

Hoje tenho identidade, mas um dia alguém lutou por mim...

E esse alguém, ancestralidade se resume aqui.

Eu, Josinete da Silva Dias dos Santos, moradora da comunidade quilombola Kalunga Vão de Almas. Tenho 25 anos, sou mãe solteira, tenho duas filhas de 7 anos. Sou poeta, escritora, artesã e estudante.

Sou produtora rural, atualmente moro no Vão de Almas com minhas filhas, elas estudam com minha mãe na escola municipal Dona Joana Pereira das Virgens. Plantamos sementes crioulas, lidamos com a terra no nosso dia a dia. Sou uma pessoa muito aberta ao novo, disposta sempre a encarar os desafios que surgem, pois me defino como uma mulher de garra, luta, fé, disposição.

Eu era uma menina muito inocente, mas sempre fui atrás do que queria, nunca medi as dificuldades, pois elas sempre me fizeram mais forte. E isso também nunca foi novidade para mim, pois sempre convivi com os desafios.

Hoje me vejo com outros olhos, vejo uma mulher cada vez mais forte, sábia e com conhecimento e vivenciamentos que me formaram didáticas para a forma de viver a vida. Encontro aqui um paralelo com essa passagem de Conceição Evaristo:

Indago sobre o ato audacioso de mulheres que rompem domínios impostos, notadamente as mulheres negras, e se enveredam pelo caminho da escrita: “O que levaria determinadas mulheres, nascidas e criadas em ambientes não letrados, e, quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita”? (EVARISTO, 2020, p.35).

O meu processo de mudança foi um processo intenso, antes de eu entrar na UnB, no final do meu ensino médio comecei a viver o ato da minha aceitação, quando falo minha aceitação estou falando do meu modo de ser, e aceitar quem eu sou, aceitar o meu cabelo, meu corpo, ou seja, aceitar a minha própria identidade. Comecei a viver do meu jeito e não do jeito do padrão social. Foi um processo tenso, pois viver do seu jeito em um mundo padronizado é quase o mesmo que pedir para lhe atirar pedras.

Se aceitar dói, porque a sociedade não perdoa nada, o que mais dói é você encontrar alguém da mesma classe que você tentando derrubar a sua autoestima. Quando eu comecei a aceitar o meu cabelo novamente, eu ouvi muitas críticas, me doía muito, mas não desisti, às vezes dava vontade de me trancar em um quarto e nunca mais sair de lá.

Eu digo, você tem que preparar seu psicológico para esse processo, pois o quanto isso é dolorido não está escrito por aí, só quem já passou por isso sabe contar o quanto tem que ser forte.

Conceição Evaristo cita à escritora Anzaldúa (2000, pag. 229-236) que diz:

Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. [...] Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever. (EVARISTO, 2020, p.36).

Às vezes as pessoas que deveriam te apoiar neste processo de aceitação, são exatamente aquelas que derrubam a sua autoestima. Acho que o pouco que sofri com isso me ajudou ainda mais ligar o foda-se. E a melhor forma de cortar a crítica sobre a personalidade da pessoa é cortando quem não vem para somar. Porque se você agrega tudo aquilo, você desiste de ser você mesma. Tem muita gente por aí que precisa de ajuda, mas acha que está melhor do que você e que tem o direito de lhe julgar.

No meu tempo livre, sempre busquei a leitura e em momentos difíceis procurava refúgio na escrita, para refletir minha situação e prosseguir com os estudos. Conceição Evaristo traz que:

Creio que a escolha das palavras certas está relacionada, ou parte mesmo, da subjetividade e também da experiência com a linguagem que a escritora, o escritor têm. A minha linguagem literária é fruto da minha subjetividade, que é formada na vivência, na experiência de várias condições. Por isso, digo que a minha subjetividade, a palavra domínio não verbaliza a minha experiência em nada. Eu diria, por exemplo, que a escrita é uma necessidade de apreensão do mundo, mas o mundo que me escapole. Não diria que a escrita é uma possibilidade de domínio. A palavra domínio, para mim, é uma

experiência que não coaduna com a minha subjetividade, não venho de uma experiência de domínio de nada. Há uma escolha semântica para verbalizar as suas experiências subjetivas. (EVARISTO, 2020, p.36-37).

E também com o processo de muitas críticas e dores que vivi, me fez ficar forte, cada vez mais, e depois que entrei na UnB superei e reconheci ainda mais quem eu queria ser. Comecei a perceber também que eu era inspiração para outras pessoas, inclusive minhas filhas, aí que tive mais força para continuar e mostrar para elas que elas podem ser quem elas quiserem e viver do jeito delas, aceitando tudo aquilo que tem nelas, que tudo que há nelas é belo. Quando digo isso me refiro especificamente ao cabelo, ao corpo, ao modo de vestir, falar, elas já chegaram em mim dizendo “mamãe, fulano falou que meu cabelo está feio”, e eu disse: seu cabelo é lindo, você está gostando dele assim? Isso é o que importa você que tem de gostar do seu cabelo, do seu corpo, das suas roupas, são vocês quem têm de se sentir poderosas. E assim elas começaram a aprender. Eu fico feliz em saber que sou inspiração não só para elas, mas também para outras pessoas.

Conceição Evaristo aborda que a escrita e a escrevivência possuem essa dimensão coletiva:

Creio mesmo que o lugar nascedouro da Escrevivência já demande outra leitura. Escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. (EVARISTO, 2020, p.38).

Há um tempo atrás vivi em um relacionamento onde a minha saúde mental era péssima, e hoje eu apoio uma mulher que esteja precisando de ajuda. Pois conviver nessa situação não é nada fácil e em alguns momentos o que a pessoa mais precisa é de ajuda, de alguém que lhe ajude.

E durante esse tempo o meu modo de desabafar era escrever tudo que estava ali me incomodando e em seguida ler e queimar, pois assim me sentia melhor. Pois nunca fui de ter muitos amigos, tenho dificuldades para acreditar nas pessoas e isso era o motivo de sempre escrever e em seguida queimar. Pois

assim evitaria que o companheiro pudesse ler. Na minha escrita, escrevia para desabafar de uma pessoa que não era da minha confiança. E nesses textos via uma situação que várias mulheres passavam. Eu consegui escrever e tantas outras passaram por esses traumas e não conseguiram contar até hoje. De acordo com Conceição Evaristo:

Creio que o conceito de escrita de si, assim como o da autoficção, não explica a construção da narrativa ali apresentada. Não é um livro em que a autora se debruça somente sobre a sua própria história e faz um texto que esgota em si própria. O texto está impregnado da história de uma coletividade. (EVARISTO, 2020, p.40).

Mas a minha paixão pela poesia iniciou no meu último ano do ensino médio, pois tenho uma paixão muito grande pela língua portuguesa. No meu último ano do ensino médio eu tinha aula de poesia, foi aí que vi que já escrevia poesia e versos populares, só tinha dificuldade de diferenciar poesia e poema. Durante essas aulas me apaixonava a cada dia mais, amo escrever. E depois do ensino médio parei, só escrevia para desabafo. Só na UnB retomei a escrita, pois escrever é um modo de eu me expressar.

Na UnB vivi o curso da LEdoC. O que é a LEdoC? A LEdoC é um curso com formação ampla que visa a transformação do ser humano em sociedade. É um curso voltado para os camponeses e quilombolas, tem formação para as pessoas do campo e para o campo. Além de ser um curso em alternância que facilita a entrada dos estudantes na universidade podendo ter uma formação de nível superior sem ter que sair da comunidade.

LEdoC digo que é transformação, autonomia que nos ensina ter voz e nos posicionar em diferentes espaços. Sem falar dos núcleos curriculares que nos fazem ter uma visão de mundo ampla, nos posicionando e nos colocando no lugar do outro. A LEdoC tem seu papel principal e de suma importância nas nossas vidas, pois temos uma formação como professoras e também uma formação para vida que aprendemos neste processo. Aprendemos o quanto trabalhar em coletivo é essencial, tanto na formação do curso, quanto como lideranças e grupos de movimentos dentro da comunidade. E esse curso nos faz olhar para a nossa própria história e ter a vontade de ser o próprio contador da mesma. Ensina-nos a pesquisar nossa própria história e a estudar.

Introdução

Esse projeto de pesquisa tem como enfoque divulgar a poesia da juventude Kalunga por meio de gravações audiovisuais, assim enaltecendo a poesia produzida nas comunidades do território Kalunga. Como poeta Kalunga, me sinto motivada a atuar na divulgação da poesia local, o que inclui minha própria produção por meio do audiovisual.

Como objetivo geral, busquei sistematizar e divulgar as poesias da juventude Kalunga por meio de gravações audiovisuais e registro textual nesta monografia, contribuindo para mantê-las vivas e incentivar mais jovens a escrever e gravar suas poesias.

Os objetivos específicos foram: refletir sobre o gênero literário da poesia e a sua importância na educação quilombola; contribuir na sistematização escrita das poesias locais, por meio de seu registro textual na monografia, em conjunto com o audiovisual; estimular a imaginação e a sensibilidade da juventude quilombola Kalunga, bem como seu empoderamento por meio da poesia.

Em base do que documentei e busquei sistematizar nessa monografia o meu objetivo, futuramente, é criar um canal de poesia Kalunga para melhor enaltecer esses jovens poucos conhecidos.

Enquanto justificativa de pesquisa, este trabalho fala sobre a poesia e o audiovisual com jovens da comunidade Kalunga. Vejo a importância de documentar as poesias em audiovisual, porque com o tempo podemos perdê-las, como ocorre com outras expressões culturais e artísticas da comunidade.

A poesia em si é um tema muito gostoso de trabalhar até mesmo na sala de aula. Ela é uma representação da realidade, memória, história e identidade. Pesquisar é uma forma de manter a memória viva, sendo possível (re)construir uma história libertária, na qual cada sujeito tem autonomia de expressão e reflexão. A educação vem de todos os campos, da escola, da família, dos movimentos sociais, do teatro, da música, da dança, dos cantos, festejos e

ancestralidade Kalunga. O conhecimento está em todos os cantos e adquirimos isso por sermos um ser histórico.

O quilombo é resistência, luta, história e identidade, pois é um povo que preza muito a cultura, e ela é a sua identidade. Têm seus modos de plantio, vivências e outros.

Já a poesia é uma arte dimensional, histórica, pois ela vem de um sujeito social. Expressa-se por meio de recitais, cantos, rimas, arte gráfica e videoarte. A poesia junto com o audiovisual ajuda na expressão de sentimentos, indignação e conceitos de fatos da realidade ou até mesmo da dor do próprio autor.

Através desta pesquisa buscarei documentar poesias de jovens Kalunga, por meio dos registros textual e audiovisual, com enfoque em enaltecer a poesia Kalunga. O fato que me trouxe a falar sobre esse tema é a questão de eu gostar muito de poesia, poema, e amar a língua portuguesa, além de me ver como uma poeta Kalunga. E através dessa pesquisa poderei estar apresentando as minhas poesias e também tendo a oportunidade de trazer outras poesias de jovens Kalunga. Esse recorte nas poesias da juventude Kalunga se justifica pelo fato de que suas obras são pouco conhecidas e divulgadas, mesmo na própria comunidade e entre quilombolas. Então, buscaremos divulgar essa criação que reflete sobre nossa identidade quilombola Kalunga.

Vemos que a poesia da juventude Kalunga reflete sobre a realidade vivenciada, sobre a história, a memória e identidade. Essa pesquisa traz a importância de construir história, porque o passado assume um compromisso com o presente levando o sujeito a fazer reflexões sobre suas próprias experiências por meio da poesia, fazendo ligação do passado com o presente.

Pesquisar é uma forma e maneira de manter a memória e a identidade viva, visando reconhecer que memórias/experiências de outros indivíduos também são importantes para a história. A memória e a identidade nos permitem através dela (re)construir manifestações libertadoras, formando história.

O quilombo é um símbolo de resistência, luta, manutenção e valorização pelos costumes, memórias, plantas medicinais e plantios. Assim o quilombo e a memória estão interagidos um com o outro, a memória é a parte da história que

não pode se perder. E deve estar sempre buscando resgatar as memórias por uma matriarca, patriarca, ou uma família nativa da comunidade.

A questão de documentar as poesias/poemas dos jovens Kalunga através dos textos e audiovisuais é simplesmente para manter a memória viva, para que essas obras não se percam. E a partir daí outros jovens que forem escrever vejam a importância de estar aderindo à mesma ideia de documentação, para que possam estar preservando a memória e identidade e até mesmo a sua história.

A metodologia da presente pesquisa tem como objetivo enaltecer a poesia da juventude das comunidades Kalunga, utilizando a técnica da revisão bibliográfica sobre o tema, ou seja, o embasamento teórico de autores que tratam de poema e poesia, bem como articular a leitura e produção de texto por meio da prática no campo do audiovisual com gravações de poesias. Além disso, utilizei entrevistas semiestruturadas para compreender as reflexões das poetisas frente às suas produções.

O foco é buscar as jovens Kalunga poetisas e, através disso, fazer a documentação das poesias que bem representam a sua vida de luta, história e representatividade local. Além de documentar os poemas por escrito, o enfoque também é retratar esses poemas através do audiovisual.

Entendo que, através do audiovisual, temos a possibilidade de estar estimulando os sentidos, audição, voz e expressão, e ainda assim as autoras encontradas neste decorrer terão a oportunidade de estar gravando o seu próprio poema com seu entusiasmo que nenhuma outra pessoa conseguiria fazer igual.

O fato de trazer o poema, poesia gravada é até mesmo para mostrar como o próprio autor tem seu entusiasmo, porque trazer apenas poema escrito, embora seja importante, não tem o mesmo impacto que o audiovisual traz. E com isso até mesmo os professores da própria comunidade podem estar trabalhando esses conteúdos em sala de aula. Trabalhar o próprio linguajar integrado da comunidade, fomentando mais jovens a criar vídeos e escrever. Ou seja, os professores podem estar buscando mais trabalhar com audiovisual na

sala de aula, trazendo vídeos para reflexão dos alunos, comparando com fatos da comunidade, assim aprendendo a identificar fatos e pontos parecidos na sua atualidade.

Gravei essas poetisas nos locais em que elas se sentiram mais à vontade para sua expressão e representação. Trouxe dois poemas de cada autora, com gravações na Faculdade UnB Planaltina e em Cavalcante. Já as edições foram feitas no Laboratório de Educação e Comunicação Comunitária da FUP. Atualmente, o material produzido está publicado no canal da LEdoC UnB na plataforma de vídeos YouTube e divulgado nas comunidades Kalunga.¹

Sendo assim, listo abaixo as autoras que selecionei por critério de conhecimento de sua atuação literária e pelo vínculo com a comunidade Kalunga. Elas são apresentadas por si mesmas em primeira pessoa.

Alciléia Conceição Cesário de Torres, tenho 18 anos, sou da comunidade Kalunga Vão de Almas. Estudante de Jornalismo.

Sempre gostei da escrita, desde que estudava ainda no ensino fundamental.

Em 2015, tivemos um desafio em todas as escolas Municipais de Cavalcante para os alunos fazerem redações sobre o lixo na Comunidade e no Festejo da Romaria, sobre a importância dos estudos e exploração sexual infantil. De todas as escolas Municipais, apenas duas pessoas foram premiadas, e eu fui uma dessas premiadas.

Desde então comecei a escrever mais e mais, o meu sonho é ser escritora.

¹ Links dos vídeos produzidos neste TCC:

Alciléia Torres: <https://youtu.be/GuCCYHnptbA>

Ana Carolina Coutinho: <https://youtu.be/y0382ipvbFI>

Josinete Santos (SANTOS, J. D. S.): <https://youtu.be/og9qO4C1xXE>

Núbia Sousa: <https://youtu.be/SIs2MX9ZDJU>

Em maio de 2021 tive a ideia de começar a gravar vídeos recitando as poesias que já tinha escritas, afinal eram tão lindas. E pra que guardar só para mim?

Desde então comecei a gravar e hoje já me considero uma grande poeta.

Ana Carolina de Deus Coutinho, tenho 25 anos, sou da comunidade São José. Sou formada no curso de Licenciatura em Educação do Campo na área de Linguagens, Artes e Literatura (LEdoC-UnB). Fiz pós-graduação em linguística aplicada em educação em 2021.

Sou mulher negra, quilombola, professora, escritora, atualmente educadora social, desenvolvo trabalho com a juventude e crianças em Cavalcante por uma organização social. Sou filha de agricultores. Entrei na educação do campo em 2015, de 2017 a 2020 trabalhei como professora na escola da minha comunidade de origem.

Em 2020 a 2021 cursei bacharel em linguística na Universidade Federal de Goiás em Goiânia, mas tranquei devido a algumas questões familiares.

A poesia para mim foi uma descoberta, foi e ainda é uma forma de expor as questões raciais e as sociais do território, da sociedade em geral. Comecei a escrever quando entrei na Universidade. Na época do colegial, gostava, mas não tinha muita base, só então nas aulas do curso, despertei o que estava dentro de mim, costumo dizer que a poesia preenche vazios e não existem regras, mas sim espaços para expressarmos nossos direitos e a luta que desenvolvemos contra o racismo.

Escrevi um conto no ano de 2020, época da pandemia, Memórias no Quilombo Kalunga, com base no meu memorial acadêmico do TCC e que foi publicado no livro Escritas Femininas em Primeira Pessoa. E nele pude contar o que já tinha passado, minhas angústias e alívios diante dos desafios. Depois, minha poesia “Descalço” publicada no livro Sarau Brasil em 2020. Nessa poesia, pude relatar um contexto social sobre a pobreza e uma crítica ao consumismo.

Escrevo para acalmar a alma diante de muitos desafios que passamos no dia a dia, esses “constrangimentos”, digo racismo velado. Constatando um desses anos no mês de abril no aeroporto de Fortaleza a-CE, eu, única mulher negra no espaço ao passar pela inspeção, fui acionada a ser revistada e todas as roupas retiradas da mala, acionada como “suspeita”. Pretendo escrever uma poesia sobre o ocorrido. Entendo alguns funcionamentos de trabalho no caso em específico, em aeroportos. Porém, a maneira como se conduz e trata as pessoas são desconcertantes, é racista.

Josinete da Silva Dias dos Santos, tenho 25 anos, sou da comunidade Kalunga Vão de Almas. Formada em técnica de enfermagem. Graduanda em Linguagens, Artes e Literatura pela Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC/UnB.

Desde muito cedo gostei de estudar, ler livros principalmente contos de fábulas. Ainda no ensino fundamental gostei de escrever versos populares e criar textos com rimas.

No ano de 2012 começou despertar minha paixão pela escrita, principalmente as escritas românticas e rimatórias. Mas nos meus últimos dois anos de estudos, já no ensino médio tive a certeza da paixão que sempre tive pela língua portuguesa e por descobri-la pela poesia e poema.

Vejo a poesia como um meio de expressão de sentimentos e fatos que acontecem cotidianamente, mas também como criação do imaginário.

Escrevo a quase 10 anos, só que durante esses anos houve um momento em que não escrevi, apenas lia textos. E após iniciar a graduação voltei a escrever com uma mentalidade diferente.

E no ano de 2023 tive minha primeira poesia publicada com o título “Mulher Negra”, no livro poesia Livre 2023 pela editora @vivaraeditoranacional.

Núbia Soares de Sousa, tenho 21 anos, sou da comunidade quilombola Kalunga Diadema. Formanda em Licenciatura em Educação do Campo, na área de Linguagens, Artes e Literatura.

Sempre gostei muito de ler e de escrever e encontrei na escrita e na leitura uma forma de fuga da realidade. Sempre sofri preconceitos por ser uma menina acima do peso e por gostar de estudar. Não me sentia bonita e as pessoas da minha comunidade não contribuía muito com isso, sempre jogava na minha cara o padrão que eu jamais teria. Todas as outras eram "mais bonitas", por ser o tipo padrão.

E por esses e outros motivos, me apeguei aos livros, aos romances e às histórias fictícias. Por isso comecei a escrever, no começo, eu escrevia coisas em que gostaria de ter vivido, palavras lindas de amor que gostaria que falassem para mim. Escrevia coisas que para mim, sabia que jamais iria ter.

Comecei a escrever com meus 12/13 anos, escrevia pequenos versos, depois fui passando para poesias. Até que amadureci minhas ideias, comecei a escrever poesias maiores, que expressavam minhas indignações, na maioria das vezes escrevia inspirada no que acontecia ao meu redor.

Houve um tempo em que fiquei sem escrever, mas quando entrei na LEdoC foi a melhor coisa que aconteceu para mim. Na primeira etapa retornei à minha comunidade com a autoestima lá em cima. Pois as pessoas na LEdoC me elogiavam pelo que eu era e isso me deixou tão feliz que queria morar na faculdade.

Capítulo 1 - Referencial Teórico

Nesse referencial teórico, começo apresentando uma discussão sobre mulheres quilombolas, uma vez que elas representam as poetas de meu recorte de pesquisa. Abordando a luta, resistência, valorização e visibilidade presentes nos quilombos. Os quilombos, além de serem formados por comunidades, eles fazem atividades diversas, como preservar a agricultura, extrativismo, a cultura, tradições, costumes e outros. É a garantia fundamental de seus direitos, no qual a cultura deve ser preservada com as e os quilombolas tornando-se protagonistas políticos do que requerem em seu território. Isso é o que torna importante registrar e expressar através das rimas e histórias as suas lutas.

A pesquisadora Mariléa de Almeida aponta que

Faz tempo que a imagem dos quilombos tem sido utilizada para evocar a resistência antirracista, bem como propor um modelo societário a ser seguido. Até o século XX, o tropo predominante sobre a resistência quilombola valorizava experiências masculinas em termos de virilidade, violência e força. Entretanto, nas últimas três décadas, estamos presenciando transformações nos significados atribuídos à resistência quilombola. (2021, p. 294)

Vemos então a conquista das mulheres nos seus espaços de luta pela terra, empoderamento feminino em busca de espaços no campo político e sua resistência no quilombo. Ainda de acordo com Mariléa,

A recente visibilidade e o reconhecimento do protagonismo das mulheres quilombolas na luta pela terra exprimem que o conteúdo dessas mudanças incorpora a dimensão de gênero. Esse acontecimento histórico materializa-se em inúmeros trabalhos acadêmicos, documentários e matérias jornalísticas. Destaca-se, em 2020, a publicação do livro *Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas*. (ALMEIDA, 2021, p. 294).

Há um impasse enfrentado pela população quilombola que é o direito de afirmar sua identidade a partir de si e o seu modo de vida e não por meio de outro. Enfrentando a legitimidade do reconhecimento de sua identidade e garantia de seus direitos. Ou seja, a luta insere a dinâmica da vida social que

exige estruturas dominantes que atuam sobre um modo de vida universal, ou seja, um outro modo de viver.

Isso fez com que as mulheres ocupassem os espaços de lutas e políticas. Sendo elas representantes de outras mulheres e das suas histórias. Pois essas conquistas são importantíssimas, uma vez que no século passado os méritos eram voltados à figura masculina e à classe dominante.

Os mecanismos psicossociais atuam nas produções intersubjetivas de modo desigual, por meio do não reconhecimento dos grupos oprimidos, na negação de suas necessidades e formas específicas de viver e interpretar o mundo. Faz com que ocorra a violação dos direitos e acarreta em resultados práticos de violência física e psicológica.

As mulheres quilombolas são camponesas e negras que, por isso, estão vinculadas às categorias étnico-racial e gênero. Tendo a experiência de desigualdade vivida e a negação de seus direitos cotidianamente, pela interseção racial e de gênero, foram criados movimentos sociais, que são definidos como uma expressão da organização da sociedade civil. Que agem de forma coletiva como a resistência à exclusão e luta pela inclusão social.

Ser mulher quilombola e negra é saber que você é constituída por vários fatores, de luta pela terra, invisibilidade, resistência, persistência, luta por ocupação dos espaços, opressão. Porque a vulnerabilidade torna-se ainda mais presente na vida dessas mulheres já que carregam consigo marcos de opressão que determinam experiências de desigualdades por serem “mulher e negra”. A categoria de gêneros e raça-etnia incidem nas vivências dessas mulheres quilombolas invisibilizando as marcas de opressões e naturalizando seus papéis exercidos na sociedade, como mãe, esposa, afazeres domésticos, trabalhos braçais, roçadas, cortar de machados, criação de animais e cuidados com a saúde familiar.

Vemos então, como ressalta Mariléa de Almeida, um novo papel para as mulheres quilombolas em uma batalha discursiva:

Sobre os significados de quilombo, as mulheres e as práticas culturais identificadas como femininas foram sendo, aos poucos, selecionadas como os novos símbolos da terra. Esse processo se reforçou conforme,

na batalha discursiva, passaram a ser reivindicadas as relações que se estabelecem com o território e não apenas comprovações materiais e arqueológicas da origem histórica do grupo. Se, por um lado, os novos sentidos do termo permitiram o reconhecimento de inúmeros grupos como quilombolas, por outro, a identidade construída sob uma ideia estática de tradição cultural não significou o acesso imediato ao direito territorial, tampouco trouxe transformações significativas das condições de vida das comunidades que passaram a se autodefinir como quilombolas. (ALMEIDA, 2021, p. 296).

Os quilombolas são descendentes e remanescentes de comunidades formadas por grupos de pessoas em locais isolados durante o período de escravidão no Brasil. As comunidades quilombolas estão presentes em todo território brasileiro e nelas encontramos uma rica cultura, assente na ancestralidade negra, indígena e branca com a predominância negra.

A identidade cultural é o que indica dentro do campo da sociologia e antropologia a cultura em que um indivíduo está inserido. Ou seja, a que ele compartilha com outros membros, como tradições, crenças e outros. Além disso a identidade inclui fatores deliberativos para que um determinado grupo faça parte da cultura, como história, local, raça, etnia, idioma e crença religiosa. Especificamente sobre os territórios quilombolas, de acordo com Almeida:

De todo modo, a expressividade numérica dos territórios quilombolas é diametralmente oposta à quantidade de titulações obtidas. Segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), responsável pela titulação dos territórios tradicionais quilombolas, entre os anos de 2005 e 2018, apenas 278 foram contemplados com a elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), uma das primeiras e mais importantes etapas do moroso processo de regularização territorial. No mesmo período, somente 124 comunidades tiveram a titulação de seus territórios. (ALMEIDA, 2021, p. 297).

A titulação dos territórios quilombolas é um processo complexo e duradouro. Para que as comunidades alcancem a titulação de suas terras precisam passar por uma análise criteriosa para que recebam os títulos referendados pela associação quilombola local. Sendo o órgão responsável pela a realização desse título o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), mas o estado e o município também se enquadram como competentes para realizarem os procedimentos.

A autora Mariléa de Almeida aponta uma crítica e indignação que vai além da questão da titulação, olhando para as condições de vida e pobreza das comunidades quilombolas, sob ausência do Estado:

o desamparo social é consequência da forma predominante de governar os corpos daqueles que vivem nas comunidades quilombolas, impondo-lhes condições desumanas. Essa situação evidencia como o racismo governa as condutas por meio de tecnologias de poder que permitem a agressão e justificam a destruição corporal e simbólica daquelas populações, já que, quando se trata dos territórios quilombolas, estamos falando de uma série de práticas, saberes e valores que se perdem diante das dificuldades de continuar vivendo a partir de seus modos de vida tradicionais. (ALMEIDA, 2021, p. 297).

O racismo é uma forma de poder que fragmenta e faz cisões no interior da sociedade, em nosso caso brasileiro promovido pelos brancos, produzindo oposição entre as raças. O racismo é uma barreira que os territórios quilombolas e suas comunidades enfrentam para manter suas tradições, e diante disso uma série de práticas, saberes e valores são perdidos.

Essas situações me remetem a um poema que escrevi em julho de 2020, durante o distanciamento social produzido pela pandemia do COVID 19, mas que poderia ser escrito muito antes ou mesmo hoje.

Direitos Violados (SANTOS, J.D.S.)

Somos negr@s,

Fomos violentados,

E escondidos da humanidade,

Mais lutamos por liberdade e aos poucos fomos revelados, revelação que gerou luta por igualdade,

Comprou guerra com Estado e os senhores do capital,

Capitalismo o qual tomava espaço, vida, etnia, cultura e tradição,

Exploravam a classe trabalhadora, expulsavam o povo do seu espaço, implantando o Agronegócio visando o lucro e exploração.

Qual o seu problema com o negr@ meu irmão?

Não tem resposta? Ou posso dizer que isso é preconceito? Ambos temos a cor e o cabelo diferente, mas não queiram dizer que não temos direitos iguais.

Apesar de que o capitalismo faz essa aparência de direitos iguais, mais só atende as suas classes de patrões. Aí me pergunto cadê os direitos iguais? E os nossos irmãos?

É neste momento que aparece a resposta, tá na visão da sociedade, é só você observar é vai logo perceber que o negr@ tem lutar para entrar em uma universidade, ele é olhado de maneira diferente quando se ocupa um cargo alto na sociedade, é o confundindo com bandido, o negr@ é aquele que para muitos tem aparência que não sabe ler. São coisas submissas que impõem o capitalismo, corrói o Estado e se alastra na sociedade.

Contra o racismo! Buscamos, Direito, igualdade, liberdade! Teremos que lutar é enfrentar o capitalismo, conquistar nossos espaços e livremente abraçar a nossa sociedade.

Mariléa de Almeida aponta ao filósofo Espinosa, que aborda os afetos e os fatos das mulheres quilombolas se fortalecerem como territórios de afetos, como vemos abaixo:

As condições materiais colocam em risco a continuidade dos modos de vida. Não por acaso, que várias mulheres quilombolas se valem da transmissão de saberes como forma fortalecer os vínculos entre as pessoas e os territórios. Suas práticas mobilizam o que denomino de território de afeto, entendido como um campo de ação política que se exprime pela manutenção, criação ou redefinição de espaços potencializados para aqueles que vivem nos territórios quilombolas. Territórios de afetos não são definidos pela identidade jurídica quilombola, mas pela relação que se estabelece com o lugar e com aqueles que nele vivem. Trata-se de uma atitude política, que privilegia o uso de saberes como forma de ampliar espaços de subjetivação, constituídos por meio dos deslocamentos de sentidos que essas mulheres realizam em relação aos efeitos das exclusões de raça, de

classe ou de gênero que afetam seus corpos e os territórios de suas comunidades. (ALMEIDA, 2021, p. 297-298).

As mulheres quilombolas têm um papel fundamental na regularização e manutenção do território, bem como a preservação das tradições e da cultura. Como os costumes e saberes que se resumem e baseiam nos cuidados com os filhos e filhas, a lida na roça, o cuidado com as sementes e assim à preservação de recursos naturais fundamentais para a garantia de seus direitos. É nesse modo de vida das mulheres quilombolas que devemos entender os afetos mencionados pela autora, quando aponta que:

Socialmente nomeamos sensações que atravessam os nossos corpos como amor, raiva, medo, mas vale dizer que os afetos não se confundem com o que chamamos de sentimentos. Os afetos são intensidades que atravessam os nossos corpos e muitas vezes não conseguimos nomear, mas que mobilizam nossos gestos, ações e pensamentos. (ALMEIDA, 2021, p. 298).

Dentro de mim

(SANTOS, J. D.S.)

Aqui dentro está um mar de sentimentos

Ondas frias, ondas quentes,

Um vendaval, nem tudo tem sentido,

O sufoco das dúvidas que invadem os pensamentos,

Difícil quando as ondas só aumentam,

Quase impossível acalma - lá,

Quando o que cai nela é uma queda de água,

Mais o importante disso tudo é que você aprende a lidar com os obstáculos.

O coração adoece com as angústias e ao mesmo tempo se cura sozinho.

Mar, marzinho leve tudo que você trouxe até mim,
Leve meu coração e acalme meus sentimentos,
Leve minha alma e acalme meus pensamentos.
Como te aumentas as ondas, peço que não me traga solidão.
Porque dentro de mim tem um mar de sentimentos em ebulição.

A autora Mariléa prossegue em suas reflexões sobre as mulheres quilombolas, trazendo um contexto sobre a fala e a escrita, que dialoga com nossa pesquisa:

Um dos efeitos da interdição sobre os modos de falar de mulheres pobres que não puderam completar a escolarização formal é a própria impossibilidade de terem suas habilidades intelectuais e criativas reconhecidas. Marilda, ao dizer que deixou de se preocupar com os “erros”, rasura as interdições de classe, raça e gênero que incidem sobre seu corpo. (ALMEIDA, 2021, p. 305).

Esse contexto é amplo em toda dimensão territorial quilombola, me vejo representada nessa fala. Por quê? Porque além de ser mulher negra, quilombola, sou uma mulher pobre. A sociedade é tão racista e preconceituosa que até o modo como falamos torna incomodo para eles e com esse fato acaba por traumatizar muitas pessoas de falarem, por medo de não estar falando certo/que está falando errado, como se existissem um modo padronizado e correto de falar. Como se falar sem seguir a regra gramatical fosse errado.

E sem falar que nossos corpos por sermos mulheres negras são vistos como formas eróticas, como objeto sexual, como se ser negras fosse pedir para ser desrespeitadas, por ter uma imagem criada sobre nós, que “negras são quentes” e entre outras coisas. Uma questão étnico-racial totalmente racista.

Com enfoque em meu trabalho de pesquisa, até mesmo as autoras que trago presentes aqui no TCC, apontamos a ancestralidade como importante na

fala e nas poesias, e também como caminho para a superação dos conflitos mencionados acima. A autora Mariléa aponta que “a ancestralidade é atualizada no presente como potência por Marilda, já que os antepassados que viveram no quilombo, além dos conteúdos das histórias, deixaram ensinamentos sobre os modos de viver.” (ALMEIDA, 2021, p. 305).

Há uma ancestralidade que se resume em nós, mulheres negras, que continuamos lutando sem perder os posicionamentos que nossas lideranças passam, sem perder a identidade e cultivando a nossa história. Fazendo uma descolonização para uma sociedade que precisa reconhecer as desigualdades raciais. A ancestralidade é a potência da coletividade, é a experiência dos mais velhos cumprindo em nós.

A poesia é uma manifestação artística, pois, com ela você tem o poder de expressar sua indignação, como também de se manifestar. A educação é algo transformador, se adotarmos o método de ensino emancipatório, haverá transformações. Com a ajuda do teatro, da música, poesia, e o audiovisual, as possibilidades de transformação serão ainda mais construtivas. Assim, entendemos que a poesia é um texto literário de manifestação artística do lírico em seu contexto social vinculado à realidade.

Nesse momento do capítulo, trago a autora bell hooks em “Erguer a voz”, quando aponta que:

Ali, as mulheres negras falavam uma língua tão rica, tão poética, que eu me sentia desligada da vida, sufocada até a morte por não me deixarem participar. Foi nesse mundo de conversas de mulher (os homens estavam ora silenciosos, ora ausentes) que nasceu em mim um anseio de falar, de ter uma voz, e não qualquer voz, mas uma que pudesse ser identificada como pertencente a mim. Para construir a minha voz, eu tinha que falar, me ouvir falar, - e falar foi o que fiz -, lançando-me pra dentro e pra fora de conversas e diálogos de gente grande, respondendo a perguntas que não eram dirigidas a mim, fazendo perguntas sem fim, discursando. (HOOKS, 2019, p.31-32)

Que saibamos, enquanto mulheres negras brasileiras, falar e erguer nossas vozes contra a opressão e exclusão machista, contra o patriarcado e contra todas as formas de opressão e exclusão racista da supremacia branca. Como nos traz bell hooks, “as punições que eu recebia por “erguer a voz”

pretendiam reprimir qualquer possibilidade de criar minha própria fala. Aquela fala deveria ser reprimida para que “a fala correta da feminilidade” emergisse”. (HOOKS, 2019, p. 32). Que saibamos enfrentar o opressor para não nos tornar um oprimido que não saiba se defender, e possamos erguer nossas vozes aos racistas para que eles se tornem antirracistas. bell hooks coloca que precisamos superar a submissão, pois “dentro dos círculos feministas, o silêncio é geralmente visto como o “discurso correto de feminilidade” machista – o sinal da submissão da mulher à autoridade patriarcal” (HOOKS, 2019, p.32)

As desigualdades entre homens e mulheres são uma discussão que sabemos que não é recente, desde os tempos antigos até bem pouco tempo atrás. Pois acreditávamos que a mulher era um ser inferior, enquanto o homem tinha direito de exercer uma vida pública. Para as mulheres, o lugar reservado era o lugar de menor destaque, pois seus direitos e deveres estavam sempre voltados para a criação dos filhos e os cuidados do lar, portanto tinham uma vida privada durante séculos, e não tinham direitos de julgar ou reivindicar a igualdade por ter pena de sentença de morte. Muitas das mulheres que tentaram reivindicar seus direitos de cidadania tiveram um destino assim. bell hooks aponta o silêncio cotidiano: “Nossa fala, “a fala correta da feminilidade”, frequentemente foi o solilóquio, a conversação ao vento, para ouvidos que não a escutavam – a conversa que simplesmente não é ouvida.”(HOOKS, 2019, p.33)

Com isso penso que a autora traz essa fala para nós, mulheres de minorias raciais e de classe trabalhadora, pensarmos o nosso espaço e ver à importância do movimento feminista. Assim como sua política transformadora, que precisa ser pautada não só na contraposição à dominação patriarcal que impõe o homem contra a mulher, mas sim a revolução feminista tem que ser construída por todos com amor e solidariedade. bell hooks nesse contexto aponta a importância da escrita, como vemos nesse TCC:

Foi nesse mundo de falas de mulheres, de conversas barulhentas, palavras irritadas, mulheres de línguas afiadas, línguas doces e macias, tocando nosso mundo com suas palavras, que eu fiz da fala meu direito inato – e o direito à voz, à autoridade, um privilégio que não me seria negado. Foi naquele mundo e por causa dele que cheguei ao sonho da escrita, de escrever. (HOOKS, 2019, p.33)

A autora acredita que as mulheres devem ter o direito de falar e serem ouvidas, independente do seu tom de voz. E assim ela ressalta a importância da fala e de tons de voz das mulheres. Como mulher negra vejo a autora bell hooks como uma grande lutadora pelos direitos das mulheres e também pela comunidade negra.

bell hooks aponta que “escrever foi uma maneira de capturar, agarrar a fala e mantê-la por perto. (...) Eu não conseguia restringir meu discurso aos limites e às preocupações necessárias da vida.” (HOOKS, 2019, p.33-34)

A escrita permite que as palavras sejam organizadas e estruturadas de uma maneira que a mensagem seja transmitida claramente. Quanto à escrita, ela é uma forma de terapia que permite os escritores expressar seus sentimentos e emoções de uma maneira preservada e privada.

bell hooks questiona que:

Nunca fui ensinada ao silêncio absoluto; fui ensinada a que era importante falar, mas a conversar uma conversa que era em si um silêncio. Ensinada a falar, e consciente da traição que seria ouvir demais outras conversas, experimentei grande confusão e profunda ansiedade nos meus esforços para falar e escrever. (HOOKS, 2019, p.34)

Dessa forma percebemos que aonde ela foi criada, a comunicação era valorizada, mas não de uma maneira direta. E assim ela foi ensinada a falar sem usar palavras ou palavras esvaziadas de sentido, ou seja, comunicar de forma silenciosa. A autora bell hooks coloca que:

Segurança e lucidez deveriam ser sacrificadas se eu quisesse experimentar a fala desafiadora. Embora eu arriscasse as duas, medos e ansiedades profundamente alojados caracterizaram meus dias de infância. Eu falava, mas não andava de bicicleta, não jogava beisebol nem segurava o gatinho cinza. (HOOKS, 2019, p.35)

É possível superar o medo e a ansiedade e crescer a partir deles. Tentar enfrentar com pequenos passos, assim como o seu trauma de criança lhe tornou forte, apesar dos medos e ansiedades para poder enfrentar e falar. Que por mais que aprendeu a falar, as demais coisas ainda era um desafio a ser enfrentado. bell hooks fala que:

Com certeza, quando reflito sobre as provações da minha fase de crescimento, tantas punições, posso ver agora que na resistência aprendi a ser vigilante e alimentar meu espírito, a ser forte, a proteger corajosamente esse espírito das forças que podiam parti-lo. (HOOKS, 2019, p.35)

Com tanta punição social e familiar que faz com que alguns laços devam ser rompidos, é preciso ser corajosa e enfrentar determinadas coisas e ter a audácia de falar! Nesse sentido, a autora bell hooks faz um posicionamento:

Escrevo estas palavras para serem testemunhas da primazia da luta de resistência em qualquer situação de dominação (mesmo dentro da vida familiar); da força e do poder que emergem da resistência constante e da profunda convicção de que essas forças podem ser curativas, podem nos proteger da desumanização e do desespero. (HOOKS, 2019, p.36)

A resistência e a força poderosa podem nos proteger de determinadas situações. Acredito que a resistência constante pode ser curativa e nos amparar para proporcionar força e poder em momentos difíceis. Pois lutar pela resistência não é fácil, mas é necessária para alcançar a justiça e igualdade. A autora bell hooks coloca o exemplo da escrita de mulheres não-brancas:

Desde então, tenho ouvido histórias sobre mulheres negras, sobre mulheres não brancas, que escrevem e publicam (mesmo quando o trabalho é muito bem-sucedido) sob crises nervosas, sendo levadas à loucura porque não conseguem aguentar as severas críticas de familiares, amigos e críticos desconhecidos; isso quando não permanecem em silêncio, improdutivas. (HOOKS, 2019, p.36)

Em muitos casos é difícil para nós autores lidar com as críticas. O importante disso é que a gente aprende e cresce com os feedbacks. E o importante é a autora ser fiel aos seus sentimentos e à escrita do que é importante para si. A autora bell hooks relata suas dificuldades em se reconhecer como escritora por seus traumas na trajetória de vida, mesmo após ter livros publicados:

Embora desde a infância eu quisesse fazer da escrita o trabalho de minha vida, tem sido difícil para mim reivindicar a palavra “escritora” como parte do que identifica e configura minha realidade cotidiana. Mesmo depois de publicar livros, eu costumava falar sobre querer ser uma escritora como se esses trabalhos não existissem. E, embora me dissessem “você é uma escritora”, eu ainda não estava pronta para declarar completamente essa verdade. (HOOKS, 2019, p.37)

A escrita é uma forma de arte e expressão. E a prática constante ajuda a aprimorar as habilidades e a confiança de si mesma. O que leva a autora expressar assim e não aceitar que é uma escritora, foi o seu passado pois os traços que lhe oprimiam, por mais que ela já estava se libertando, ainda lhe reprimiam, o “silêncio”.

Ser mulher e negra que busca por igualdade em uma sociedade machista não é uma tarefa fácil, pois as vezes o apoio que deveria sair da base familiar, é de onde saem os primeiros a criticar. Porque na nossa criação temos receio de erguer a voz por ser uma falta de respeito e muitas vezes isso acaba por travar a pessoa. Como por exemplo: responder uma pessoa mais velha e aos pais se tornaria uma falta de desrespeito. E falar não é desrespeitar, mas para eles isso tornaria desrespeitoso e a única maneira de manter o respeito era ficar em silêncio para não obter uma punição.

O patriarcado é tão impregnado na sociedade que hoje estamos em pleno século XXI, e têm muitas mulheres presas e submissas ao homem. Mulheres que não erguem a sua voz e a voz do homem se torna autoridade máxima, onde ele acha que tem direito sobre a mulher, e que a mulher deve trabalhar sim, mas em casa, cuidando dos afazeres do dia-a-dia, para no final do dia quando ela questionar que está cansada, ele lhe perguntar, cansada de que? Sendo que quem estava trabalhando era eu, mostrando como só ele tem o direito de cansar e ela não.

Coloca bell hooks que:

Reivindiquei esse legado de enfrentamento, de vontade, de coragem, afirmando minha ligação com mulheres ancestrais que foram destemidas e ousadas em suas falas. Diferente de minhas destemidas e ousadas mãe e avó, que não eram apoiadoras da insolência mesmo sendo assertivas e poderosas em suas falas, Bell Hooks, da forma como a descobri, reivindiquei e inventei, era minha aliada, meu apoio. (HOOKS, 2019, p.38)

Conhecer a si mesma é necessário para poder ter a liberdade de ser você, erguer a voz é libertador porque assim você aprende a não se submeter ao silêncio quando se tem espaço de fala.

A autora continua colocando que:

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. Esse ato de fala, de “erguer a voz”, não é um mero gesto de palavras vazias: é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito-a voz liberta. (HOOKS, 2019, p.38-39)

Erguer a voz é um ato tão libertador, porque depois que você aprende a falar e a ocupar os seus espaços de fala, de liderança, posicionamento, você se torna outro ser. É um crescimento, renovação e evoluimento (evolução da mente) quanto pessoa e um ser inserido em na sociedade.

Toda vida merece respeito: Vidas negras também importam.

(SANTOS, J.D.S.)

Nunca diga que você é descendente de escrav@s, diga que és descendente de milhares de pessoas livres que foram escravizad@s, descendentes de milhares de mulheres e homens que foram vítimas de abusos, entre outr@s milhares de pessoas que foram colonizadas, porque ninguém foi escravizad@s livre e espontaneamente por escolha, as pessoas foram obrigadas a viverem desta maneira, inclusive, quando trouxeram african@s para o Brasil, trouxeram um pouco de vários locais, para que não ouve-se brigas entre eles (as), o qual eles chamavam de rebanho. Peço aos senh@res do capitalismo! Respeite a nossa identidade, nossa etnia, nosso povo, nossa cultura.

Aprendam, @s NEGR@s são pessoas, tão humanas como qualquer um de vocês. Saibam que não somos uma doença, pois a maior doença é da mente racista, fascista, com qualquer tipo de preconceito. Bradamos para que tod@s sejam capazes de compreenderem que somos partes da mesma vida, que respeitem @s NEGR@S, que não confundam nossa gente com bandidos, que vocês sejam companheir@s. Pedimos também que vocês deem oportunidades para nossas crianças e Adolescentes crescerem em um mundo com mais

liberdade, justiça e equidade, que ao olharem para nós, possam ver um de vocês, que ao pensar em tirar nossa vida, lembrem-se quando você está na fila de um hospital esperando um transplante de órgãos nas milhares de vezes foi nós Negr@s que te salvamos, Vamos respeitar-nos ao invés de matar, vamos junt@s lutar na construção de um mundo melhor que caibam tod@s, que ninguém seja diminuíd@ ou subtraíd@!

Capítulo 2 – Poesias das jovens poetas quilombolas Kalunga

Neste capítulo, apresentamos uma coletânea de poesias das autoras integrantes desta pesquisa e previamente apresentadas acima. Trata-se de um processo de pesquisa pessoal de longo prazo, a partir do diálogo com essas poetas pela convivência na LEdoC e na minha comunidade Vão de Almas. Dialogamos no território Kalunga, em eventos culturais e também, nos dias de hoje, pelas redes sociais.

Convido vocês então à leitura das nossas poesias:

Descalços (Ana Carolina Coutinho)

Nas ruas desertas,
Flores espalhadas,
Asfaltos, fumaças de sola de sapatos,
Sonhos fragilizados.
Pobres descalços
Lojas de calçados
Fartura de sapatos
Os pés queimados.
Sonhos dos descalçados
Era apenas um belo sapato,
Que confortasse os pés queimados.

Moradia dos povos Kalunga (Alcileia Torres)

A moradia dos povos kalungas,
é feita de palha, Adobe, e madeira,
No Território Quilombola/Kalunga,
As águas dos rios correm na corredeira.

A moradia dos povos kalungas,
é 100% bioconstrução,
em prol da sustentabilidade,
e da biodiversidade da região.

Os materiais utilizados nas construções,
não agredem o meio ambiente, os
Povos kalungas usufruem da natureza,
de forma muito consciente.

As moradias dos povos kalungas,
são representações culturais,
nelas estão os recursos da natureza, que não causam impactos ambientais.

Quem constrói são os bioconstrutores, que fazem todo o trabalho com suas
mãos,
É um trabalhão danado,
esse processo de construção.

Com a falta dos recursos naturais,

muitos estão a aderir a alvenaria convencional,
mas tomara que não acabe,
a moradia do modo tradicional.

A bioconstrução sempre esteve vigente, e vem se passando de geração para geração,
Infelizmente ela está se enfraquecendo,
Pois os recursos naturais estão em processo de extinção.

Mulher Negra
(SANTOS, J.D.S.)

A mulher negra reconhece a sua identidade,
Reconhece a sua representatividade,
Sabe a importância de sua posição,
Posicionamento que nos mínimos detalhes se encontra em cada detalhe,
Ver a negra no topo, feliz e reencontrada, amada admirada, respeitada.
Mulher de luta predominante, raça, garra, batalhadora,
Negra que sonha,
Negra que busca,
Negra que luta,
Negra que conquista,
Mulher é essa que não abaixa a cabeça,
Mesmo com as dificuldades ela prefere buscar, correr atrás é a sua própria independência conquistar,
Mulher de fé, todos os dias dorme sonhando que o amanhã será melhor que o hoje, o ontem,
Guerreira, palavra de definição que nos descreve, na resistência, persistência, luta, transparência e visibilidade.

**Eu estava na minha casa
(Núbia Sousa)**

EU estava na minha casa...

EU estava nos braços da minha mãe...

Vivia em paz lá...

Era zelado por ela,

Na casa da minha mãezinha, eu e meus irmãos e irmãs, éramos como reis e rainhas....

Nunca passou pela minha cabeça deixar os aconchegantes braços de mamãe....

Até que eles chegaram:

Com aqueles barcos enormes,

Dizendo ser da tal "realeza de Portugal"... Eles vieram para trazer dor e sofrimento para nós.

Aquele povo titulado:

- Os desbravadores

Assim, eles me arrancaram a força dos braços dela,,

Me bateram, me capturaram e me acorrentaram naquelas embarcações enormes cuja finalidade era encher- la com nosso POVO... Não...

Nois não os chamou para lá

Nós também não fomos grosseiros com eles

Sim podia até ser que eram diferentes, muito diferentes por sinal ... Nossa "casa! era diferente

Nossa comida

Nossas roupas

Cabelos

Olhos

Língua

E a nossa cor...

Eles eram pálidos ao meu ver...

Com cabelos lisos

De olhos azuis, e claros demais.

Mais não, não fizemos nada contra eles... Até suas barbas parecia ser totalmente diferente das nossas

Suas mulheres usavam aqueles vestidos cheios de pano ... E que pano!!

Até o pano era diferente do nosso...

Mais não ...

Acho que faziam isso para nos constranger com sua tamanha "riqueza"... Só que nós também éramos ricos...

Em nossas terras se encontram pedras

preciosas também...

Nosso povo também vivia 'i bem"

Comia da melhor comida lá

Bebia da melhor água de lá

Na nossa casa...

Mamãe a princípio não gostou nada da chegada inesperada deles...

Acho que ela já sabia exatamente o que eles queriam... Nois...

Nossa força

Nosso trabalho

Nossas crianças

Nossas mulheres

Nos tiraram de onde éramos reis

Nos trouxe para fazer as vontades de um outro "rei".

Passamos fome e frio

Infelizmente, muitos de nós não resistia e morria no percurso...

Eu queria ter morrido também, mas eu não tive esse privilégio... Fomos divididos...

Levaram meus irmãos para um norte
Minhas irmãs para um sul
E eu vim parar aqui
Nessa terra estranha...
Me colocaram para fazer casas pra eles. Para trabalhar em suas plantações...
No sol quente e sem comer E o pior...
Eles me chicoteavam o tempo todo... Na hora de dormir...
Mais correntes...
Não tinha como e nem pra onde correr. Não conhecia ninguém que poderia me ajudar...
Não sabia nada daquele lugar...
Eu só queria voltar pra casa...
Estar com minha mãe novamente...
O tempo passava e eu continuava lá...
Hora na lavoura
Hora na casa deles
Eles me colocaram até para cuidar de seus filhos
Eu dava até o peito para aqueles frágeis e inocentes bebes brancos... Tao pequenos...
Me privaram de cuidar dos meus para cuidar deles...
Meus filhos também foram vendidos e levados para longe...
Aguentei muito, muito mesmo...
O sofrimento foi tanto que me abriu os olhos ...
Tinha que ter outro jeito, tinha que existir... uma forma de sair dali. E tinha... meus irmãos que já moravam por lá a mais tempo que eu me disseram q tinha um lugar...
Que esse lugar era como a casa da nossa mãe...
Mais que os "brancos" não nos encontrava lá. ...Benza...
Eu enxerguei uma luz no fim do túnel...

Meu Pomar
(Ana Carolina Coutinho)

Minha terra havia pomar
Muitas belezas escondidas,
Mapearam o meu lugar
Trouxeram máquinas.
Muitos equipamentos,
Muitas pessoas desconhecidas no lugar.
Trouxeram movimentos,
E destruíram o meu cantinho que avistava o pomar.
Já não pode sentar na calçada como antes,
Os bares lotados,
A brisa é escura de poeira de mineiros,
Na madrugada os roncoss são das máquinas
Levando o nosso minério.
Minha terra já não tem tanto pomar
Já não sinto a calma desse lugar.

20 de novembro
(Alcileia Torres)

20 de novembro,
É o dia da morte do homem que lutou contra o sistema escravista, em pleno
século XXI, infelizmente ainda existem pessoas racistas!

Essa data significa,
O símbolo da luta e resistência,

A negritude não é inferior,
Por favor, tenham consciência.

Nós ainda recebemos menos,
Nós ainda temos menos oportunidades,
Inclusive o povo Quilombola Kalunga,
Necessitam de inclusão e acessibilidade.

Ainda somos bastante esquecidos,
Nós necessitamos de visibilidade,
Luto pelo meu Quilombo e por todos,
Que precisam da minha representatividade.

Temos uma dor ancestral? Sim.
Dor que causa medo e angústia,
Devido a "contribuição nefasta",
Pelo visto, não irá acabar tão cedo.

Respeitem nossa cor,
Respeitem nossa gente,
Respeitem a história,
De todo povo afrodescendente!

Não somente mês de novembro,
Que nós negros merecemos ser homenageados,
Somos negros todos os dias, portanto devemos sempre ser lembrados!

E você racista, tem que se conscientizar, nós negros somos humanos, faça o favor de nos respeitar!

Os racistas devem ser responsabilizados,
Por suas ações e conduta, aqui se encerra a poesia, mas não se encerra a nossa luta!

A bipolaridade mais precisa (Núbia Sousa)

O amor às vezes nos faz cometer erros...
Erros banais
Erros bobos e tolos
Capaz de fazer qualquer pessoa não querer amar mais.
Quando se ama alguém, tudo o que se espera e acredita fica em constante mudança...
Alegria, tristeza, amor, ódio, paixão, esperança.....
Nunca senti tanto sentimento de uma só
vez...
Amo tanto que chega a doer só de imaginar te perder...
Não me imagino sem ele em minha vida...
Ele é dono do melhor abraço do mundo. Só ele consegue arrancar de mim o meu mais belo sorriso, o meu mais sincero olhar....
E, ele também é a única pessoa que pode, com simples, um olhar me quebrar inteira *
Ele não faz ideia do poder que ele tem quando me toca, quando me beija
****Ele nem imagina,,
Que apenas uma palavra dele pode me fazer ir do céu ao inferno em instantes,
e vice-versa,

Drummond uma vez escreveu que o amor era fogo que arde sem ver,
Já eu tenho mais a acrescentar: O AMOR
É FOGO, QUE QUEIMA E AQUECE AO
MESMO TEMPO, É AQUELA DOR
GOSTOSA QUE NAO Conseguimos
VIVER SEM O amor machuca e cura ,,,Como pode 4 simples letrinhas ser
capaz de ser tão bipolar" e preciso assim??
Ahh! o amor: A bipolaridade mais Precisa do universo.

Sucupira
(Alcileia Torres)

Essa é a árvore,
Que se chama sucupira,
É usada como lenha,
No fogão caipira.

Essa Madeira é usada,
Também na carpintaria,
Tem a madeira resistente,
Para a construção de moradia.

A sucupira cura doenças,
E aqui eu lhes ensino,
O chá da casca dela,
Desinflama o intestino.

Vocês não fazem ideia,

Do grande poder dessa planta,
Ela cura infecção no sangue,
Tireoide e infecção na garganta.

A casca da sucupira,
Produce tinta para pintura,
Produce a tinta cor amarela,
E não necessita de mistura.

A sucupira possui vários benefícios,
Aqui não consigo todos citar,
Agora que vocês sabem disso,
Vamos a preservar?

2.1 – Balanço das entrevistas: conversando com as poetas

Neste subcapítulo, trago uma síntese das conversas realizadas com as autoras com base no roteiro de entrevistas presente no Apêndice deste trabalho. Embora tenhamos nos encontrado em diversos momentos, para a sistematização do que aqui apresentamos conversamos por aplicativo de mensagens com base no referido roteiro.

Início com a poeta Alcileia Torres que reflete sobre a importância da poesia em sua trajetória de vida:

Como poeta quilombola a poesia tem um impacto importantíssimo na minha vida, eu consigo através da poesia registrar a minha ancestralidade, guardar a história passada pelos nossos anciões para manter viva a nossa identidade. Eu consigo através da poesia transmitir significados profundos em forma de melodia, então a poesia para mim tornou uma peça importantíssima nesse meu processo de salva guarda da nossa ancestralidade. Eu sou guardiã da ancestralidade quilombola Kalunga e a escrita a poesia é um dos meios que eu uso para preservação e registros da nossa ancestralidade. (Informação verbal, entrevista concedida à autora, 2023).

E dando continuidade na importância da poesia na sua trajetória de vida trago a fala da poeta Ana Carolina Coutinho, que traz a ideia de denúncia na poesia.

Que a poesia é poder expressar a realidade da sociedade no meio em que vivemos para outras pessoas é uma forma que considero também de denunciar fatos reais em forma de poesia. (Informação verbal, entrevista concedida à autora, 2023).

E ainda ressaltando essa importância da poesia na trajetória de vida, a poeta Nubia soares faz a fala que:

A poesia chegou na minha vida como uma forma de expressar tudo que um dia eu almejava, transpor as emoções que eu sentia mesmo sendo uma mulher quilombola, negra, gordinha que sofria bullying. Muitas poesias minhas retratam o que eu queria sentir por alguém e que alguém sentisse por mim. (Informação verbal, entrevista concedida à autora, 2023).

Para fechar esse trecho da importância da poesia na vida da autora, eu, como também poeta, aponto que: “Através da poesia eu posso desabafar, falar de sentimentos, e pode criar e através dela eu posso expressar e assim me vejo transformada e evoluída.” (Informação verbal, entrevista concedida à autora, 2023).

Trago aqui abaixo falas das autoras sobre os momentos em que têm hábito de ler, assistir e escrever poesias. Para dar continuidade às falas acima e seguimento nas próximas falas, inicio aqui com a fala da autora Alcileia Torres que expressa seus costumes:

Os momentos em que acostumo ler, assistir e escrever poesias são diversos, por exemplo quando eu estou em meio a natureza me sentindo bem ao ar livre com aquela tranquilidade eu consigo registrar e passar o que estou sentindo através da poesia, consigo também me acalmar em momentos de angústia e tristeza eu consigo ler poesias e trazer para dentro de mim os significados profundos que a poesia consegue passar para gente e consigo também colocar para fora alguns momentos de desaforos, de angústias através da escrita. Porque através da poesia eu consigo desabafar eu consigo escrever e como se eu estivesse contando para alguém o que eu estou sentindo. (Informação verbal, entrevista concedida à autora, 2023).

Dando continuidade a conversa, a autora Ana Carolina traz na sua fala que:

Acostumo ler poesia quando estou tranquila e em casa e é raro eu assistir, acostumo escrever poesia quando observo o meio em que vivo e percebo que preciso fazer algo para melhorar. Acostumo assistir poesias pelo YouTube, redes sociais com Instagram e elas contribuem

de forma reflexiva e de entendimento da sociedade de algum assunto bem importante que estou pesquisando e que quero entender melhor. (Informação verbal, entrevista concedida à autora, 2023).

Em seguida a autora Nubia Soares diz que costuma “ler, ouvir, assistir poesia quando estou sozinha no acolhimento da minha solidão, eu consigo imaginar mil histórias e imagino cenas e daí sai algumas poesias.” (Informação verbal, entrevista concedida à autora, 2023).

Neste recorte da pesquisa vemos como a poesia contribui na vida das autoras e os canais de acesso, ou seja, se ela tem hábitos de assistir poesias por meio de alguma rede/mídia social em audiovisual. E para fundamentar esse recorte a poeta Alcileia Torres diz:

Acostumo ler e a ouvir poesias, e as poesias que leio e ouço eu consigo trazer para dentro de mim significados muitos profundos que acalma, que nos conecta conosco mesmo que nos traz tranquilidade é como se fosse uma terapia, então a poesia contribui bastante e tem significados muito fortes para mim eu quanto uma pessoa que leio e que ouço e enquanto uma pessoa que também escrevo poesia.. (Informação verbal, entrevista concedida à autora, 2023).

E durante essa conversa veio a didática de como o gênero literário da poesia contribui na educação quilombola e também como foi a sua época e como está e como pode melhorar. E assim as autoras trouxeram suas falas potentes. E aqui a poeta Alcileia Torres diz:

Os gêneros literários contribuem sim para a educação quilombola, desde que no gênero lírico haja uma poesia sentimental que consiga despertar dentro das pessoas o sentimento educativo, sentimento profundo e dentro da peça dramática de um teatro, porque através do teatro a gente consegue transmitir informações e passar mensagens, além dos gestos e dos movimentos. Também o gênero épico trazendo narrativas que contribuem para a educação quilombola, narrativas por exemplos de letramentos raciais... (Informação verbal, entrevista concedida à autora, 2023)

A essa conversa didática de como a poesia contribui na educação quilombola a poeta Ana Carolina Coutinho fala que:

A poesia contribui de forma de enfrentamentos da realidade como as crianças, adolescentes e jovens da comunidade quilombola, na em que eu estudava era pouco a disciplina de língua portuguesa não tive, nas salas de aulas nos dias atuais percebo que as crianças têm mais contato, escreve frases com rimas que ao longo do processo elas vão validando e percebendo a crítica poética, precisa ter uma disciplina além da língua portuguesa que fundamenta a história da poesia e a

construção com forma e conteúdo. (Informação verbal, entrevista concedida à autora, 2023).

Em seguida a poeta Nubia Soares fala da importância da Educação do Campo que valoriza a poesia na educação quilombola.

Hoje em dia o fato de se ter poesia e rima não está só no escrever poema ou poesia, em uma música você tem poesia e na comunidade as vezes tem se perdido muito isso por trazer autores de longes e não estuda e não trabalha aquela poesia que está ali, a letra de sussa, verso de capoeira, verso de curraleira, muitas das vezes isso não é valorizado, mais hoje em dia já está tendo muito a presença da valorização local, graças a educação do campo. (Informação verbal, entrevista concedida à autora, 2023).

Nesse trecho abaixo aponta o empoderamento da juventude quilombola por meio do audiovisual. E as poetas falam sobre essa importância, sendo que a poeta Alcileia Torres argumenta:

A poesia consegue gerar, incentivar, despertar empoderamento não só na juventude mais na geração em geral, porque através da poesia conseguimos trazer para dentro de nós sentimentos fortes e poder liberar, porque através da poesia a gente absorve mais também libera, porque conseguimos registrar e soltar para fora o que está dentro de nós e conseguimos levar o que está de fora para dentro de nós e contribui para nossa evolução mental, espiritual, interior, porque às vezes estamos angustiados e ouvimos uma poesia conseguimos nos sentir melhor. (Informação verbal, entrevista concedida à autora, 2023).

Em seguida a poeta Nubia Soares diz que:

O audiovisual tem com o que contribuir, porque hoje em dia tem mídia, redes sociais, canais, e ter jovens como Josi, como outros jovens. Mais como inspiração para mim, ter a Josi ocupando esses espaços contribui sim no empoderamento porque está mostrando para o mundo e não só para as comunidades a nossa realidade, o nosso povo, as nossas mulheres, como que a gente se identifica, como que a gente vê isso, a nossa forma também de como a gente vê o mundo, está falando da nossa realidade e não de coisas que não é daqui. Está falando da dificuldade que é para uma mulher negra, quilombola, Kalunga e gorda amar e ser amada, está falando da dificuldade que e para nossa terra ser valorizada, ser reconhecida e da facilidade que é de pessoas de fora vir tirar o que é nosso. (Informação verbal, entrevista concedida à autora, 2023).

E para fechar essas entrevistas falamos do impacto que seria um canal de poesia de jovens quilombolas e a continuidade do canal. Encerrando a conversa, a poeta Alcileia Torres e eu trazemos que:

O impacto de um canal de poesias de jovens quilombolas seria um sucesso, porque somos muitos de nós que escrevem, que recitam não só mulheres mais homens também, e se a gente criando isso, essa rede de empoderamento a nossa futura geração que está chegando vai abraçar isso com tudo, vai ter uma oportunidade que a gente não teve. Precisamos é de escritores quilombolas aonde nós possamos contar e mostrar para o mundo o que temos para contar e poder contar através da poesia seria uma peça importantíssima para esse processo de conservação e valorização desses saberes e nosso modo de vida no cotidiano. Um canal de poesia de autores quilombolas tem muito a contribuir com literatura brasileira e com a história afro descendente. . Eu acredito que tendo esse canal para o nosso povo preto é impactante e ter o canal ao longo do tempo daqui cinco anos ou até mais seria fundamental, porque, por exemplo, eu e as minhas autoras somos o início mais depois da gente pode vir muito mais, pode vir às crianças que pode ter esse dom, porque eu digo que escrever a poesia e ter um dom, pois não é para qualquer um e acredito que ter esse canal é necessário. (Informação verbal de Alcileia Torres em entrevista concedida à autora, 2023, e reflexões autorais em diálogo com a poeta).

Considerações Finais

De acordo com a pesquisa, o trabalho aborda a poesia e o audiovisual da juventude Kalunga, com gravação de poesia de jovens de origem e identidade quilombola, considerando o empoderamento juvenil e divulgação poética.

Porém, o trabalho é constituinte de profundas teorias utilizadas no processo enriquecedor com a autora principal Mariléa de Almeida, que traz um contexto dialógico do quilombo que tem tudo a ver com o ambiente em que estou inserida e com a minha história.

Nesse trabalho conheci autoras negras que para mim foi muito importante conhecer e trazê-las para o corpo desse texto. Ao ler o texto delas, vi que de alguma maneira ali nas falas de fato tinha uma representatividade e que eu me identifiquei. Ao ler “Escrevivência” de Conceição Evaristo pude me ver representada em vários contextos como se a gente estivesse dialogando. Ainda assim digo o mesmo em relação ao texto da autora bell hooks, “Erguer a Voz”. Eu me vi naquela história e pude ver também o quanto à história de uma mulher preta tem ligação a história de outra mulher preta, é como se seus traços estivessem interligados uma à outra.

E como práticas dos saberes, esse trabalho foi e será fundamental para o registro da memória, não só escrito, como também ressalta a importância do audiovisual, quilombo, raça e etnia.

Esse trabalho é uma explicitação de fatos e sentimentos nunca apontada antes por mim e nem aberto ao público. Me refiro em especial ao memorial acadêmico, no qual se relaciona com o corpo do texto no referencial teórico. E ao ler esse trabalho, você vai encontrar fatos e contextos inseridos nele que não é algo distante da realidade atual e nem da realidade passada.

No entanto você vai estar tendo acesso a um material gostoso de ler e ser estudado, pois neste trabalho contém a minha história e a história de mulheres que se viram em outras mulheres, em que pudessem e podem as representar.

Nas poesias e na fala de cada poeta, pode-se notar o quanto as suas falas e poesias lhes representam. Representam o seu povo, os seus sentimentos e o sonho de seus ancestrais. Porque poetizar, ser liderança, representante e uma

pessoa que luta pelo nosso povo é um sonho dos ancestrais. Que hoje realiza em nós, a juventude.

E diante desses sonhos temos o dever de criar fontes que façam com que a futura geração tenha caminhos para trilhar, assim como nossos ancestrais lutaram e deixaram para nós.

Se você observar a letra das poesias e as falas das autoras, você vai compreender o quanto somos construtivas e preservamos nossos saberes. Porque é através deles que abrimos nossos caminhos e inspirações para criações e preservação da ancestralidade. Porque poetizar é em si libertar, poetizar é libertador, e como diz a autora Alcileia Torres, “a poesia é uma terapia”. Realmente devo concordar que a poesia pode nos acalmar de uma maneira e jeito que muitas das vezes fica difícil de explicar.

Ao ler a poesia de cada uma das poetisas fiquei encantada, pois são criações que emocionam, pois são fatos reais transformados em versos. E nas falas delas é satisfatório ouvir e ler o ponto de vista de cada uma, ver a poesia na sua vida e no contexto social. Posso dizer esses momentos são mais que especiais, pois eles são prazerosos.

Diante disso, digo que essa monografia foi uma transformação para mim, pois eu pude aprender e conhecer autoras que me representam e encontrar poetisas que me ajudaram compor ainda mais o meu trabalho. E fico feliz que nesse processo encontrei mulheres negras e quilombolas cheias de lideranças, posicionamento e representatividade da sua história.

Pude ver em mim e em cada uma das autoras e poetisas citadas aqui o quanto a ancestralidade vive em cada uma de nós e é essa herança que nos faz liderar e a ocupar nossos espaços de fala e inserção.

Se você chegou até aqui eu espero que tenha obtido uma leitura gostosa e satisfatória quanto a escrita dessa monografia, pois é com muita gratidão e aprendizagem que encerro esse ciclo de busca e realizações. Que para mim foi um sucesso.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, M. Território de afetos: práticas femininas antirracistas nos quilombos contemporâneos do Rio de Janeiro. **História Oral**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 293–309, 2021. DOI: 10.51880/ho.v24i2.1209. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1209>. Acesso em: 6 dez. 2023.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs.). **Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

Referências Videográficas

Canal Poemas com Poesia Autoral, YouTube. Link: <<https://www.youtube.com/channel/UCWWbk-PTHRdiUIAr8jgTD9w>>. Acesso em 07 de dezembro de 2023.

Canal Toda Poesia, YouTube. Link: <<https://www.youtube.com/c/TodaPoesia>>. Acesso em 08 de novembro de 2021.

Instagram joanablack_. Link: <www.instagram.com/joanablack_>. Acesso em 07 de dezembro de 2023.

TikToksoldepaula905. Link: <<https://vm.tiktok.com/ZM6NXkSBt/>>. Acesso em 07 de dezembro de 2023.

Apêndice – roteiro de entrevistas

- Sendo poeta quilombola, qual a importância da poesia na sua vida?
- Em que momentos você lê poesias? Em que momentos você assiste poesias? E em que momentos você escreve poesias?
- Você assiste poesias gravadas em audiovisual? Quais canais? E como elas contribuem na sua vida?
- O gênero literário da poesia ajuda na educação quilombola? Comente como era essa situação na sua época na escola, como está hoje e como pode melhorar.
- Como você acha que a poesia por meio do audiovisual ajuda no empoderamento da juventude quilombola?
- Por fim, comente qual impacto de um canal de poesia de jovens poetas quilombolas hoje. E se o canal tivesse continuidade ao longo do tempo, daqui a cinco anos.